



## O texto dramático em até três páginas – devaneios em tempos pandêmicos: *A espera, Meu homem-pássaro e Primeiro amor*

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14911824>

Domingos Sávio Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>

Os três textos dramáticos selecionados foram escritos na pandemia (2021), após estudos preliminares sobre a técnica de escrita da dramaturgia. Em cada um deles, um pouco da dramaturgia universal (inspirações literárias!), cujos motes são: a espera de alguém que nunca virá<sup>2</sup>, a transformação de uma ave em uma pessoa<sup>3</sup>, e o avesso de um primeiro amor<sup>4</sup>. O drama em até três páginas com princípio, meio e fim foi desenvolvido, a partir dos objetivos traçados (modelos actanciais das personagens), conflitos e desfechos.

Em *A espera*, o embate entre duas personagens, o mordomo que insiste em servir o jantar e Tereza que espera o marido já falecido. As falas das duas crescem impetuosamente, a finalizar com a ordem do mordomo para servir o jantar e a recusa absorta de Tereza. Maria, sem fala, é a cozinheira a quem o mordomo ordena o jantar.

Em *Meu homem-pássaro*, potencializa-se o simbólico com um texto poético e fantasioso. Em foco, o amor aprisionado e o desejo de ser quem você é, o de ser livre acima de tudo, mesmo que para isso se sobrepuje o amor. O homem-pássaro é um avestruz que tem as penas furtadas por Tatiana, a ter em vista a sua paixão repentina por ele. O tempo passa e o amor é correspondido pelo homem-pássaro, mas sem nunca perder o desejo de ser livre. Tati, a filha única de Tatiana, rechaça a relação. É a personagem que liberta o homem-pássaro, entregando-lhe as chaves do baú onde são guardadas e regadas as penas.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Artes Cênicas (UnB), Doutor em Letras (UFF), Mestre em Artes Cênicas (UNIRIO) e Especialista em Voz. Coautor do *software* PratiCanto 2.0. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Vocais, Cênicos e Musicais (CNPq). Professor Associado da UNIRIO e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Membro da Rede Voz e Cena. E-mail: dsavio@unirio.br.

<sup>2</sup> *Esperando Godot*, Samuel Beckett.

<sup>3</sup> *A dama do mar*, Henrik Ibsen.

<sup>4</sup> O conto “Primeiro Amor”, Samuel Beckett.

De posse delas, o homem-pássaro recobra a verdadeira identidade, alçando voo.

Em *Primeiro amor*, as duas personagens – Ruth e Samuel – são marcadas por um estranhamento inicial, no qual o amor suscitado não apresenta um enredo nos moldes tradicionais. O paradoxo para a compreensão habitual do amor é um ponto marcante do texto, cujas falas são construídas com humor e ironia mas, também, com a doçura de Ruth, sobretudo. Por trás da solidão de ambos, da tristeza de Ruth e da morbidez de Samuel, o desenrolar de um diálogo transversal entre o sarcástico e o dramático. Enfim, duas personagens perdidas em uma praça abandonada, fedida, cujo encontro é transformador, a transcender o irremediável.

Seguem os três textos dramáticos: meus devaneios dramatológicos em tempos pandêmicos.

## *A espera*

Personagens:

Mordomo, 50 anos.

Tereza, 45 anos.

Maria: cozinheira citada no final do texto.

*Tereza está sentada à mesa de jantar. Ao seu lado, em pé, o mordomo. Há um sino de mesa próximo a ele. Na ponta oposta, um prato empoeirado. O relógio carrilhão pedestal Ave Maria, posicionado à direita do assento de Tereza, entoa o movimento característico (tic-tac) do pêndulo do carrilhão. Às 18:00, o carrilhão bate as seis badaladas da Ave Maria.*

MORDOMO: Pronto! A Ave-Maria de Gounod! Já mandarei servir.

TEREZA: Escureceu rápido, está ventando lá fora. Dissestes o quê?

MORDOMO: *(Controlando as emoções, com formalidade.)* Vou providenciar o jantar, madame. Ele não virá... partiu.

TEREZA: *(Com rispidez.)* Sempre a mesma ladainha. Qual a razão de me torturar assim?

MORDOMO: *(Com ironia.)* Tic-tac tic-tac não percebes as horas? Não sentes fome?

TEREZA: É o tempo, veja! *(Pausa curta.)* O zunido do vento vai me enlouquecer! Ele se atrasou, eu sei, atrasou ... sempre atrasado... aiiiiii tu bem sabes disso!

MORDOMO: Madame!?! É assim desde sempre. E desde sempre, nos recolhemos sem o jantar. Não percebes o mal que estais a fazer? Ele não virá, partiu... ah faz o favor... partiu faz muito tempo! Por que resistes ao inevitável?

TEREZA: *(Grita, esmurrando a mesa com as mãos.)* Não, não! Não sejas rude! Ele virá, ele está vivo!

MORDOMO: *(Mais irônico e irritado.)* Tic-tac tic-tac ... não adianta, a madame está surda para o mundo. Ele partiu sim! A madame espera quem nunca virá! Ahhhh... Esse inferno de relógio! Esse ruído sem fim.

TEREZA: Não digas isso infeliz! É a peça mais valiosa desta casa. Ele me deu, faz tanto tempo.... Está ventando muito, não percebes... este zumbido enlouquecedor... impossível sobreviver a isso.

MORDOMO: Impossível é sobreviver na loucura desta casa! Esperando quem nunca virá.... *(Tapando as orelhas com as mãos.)* Tic-tac tic-tac... que horror!

TEREZA: *(Tentando controlar as emoções.)* Eu agi errado, eu sei. Mas não é tarde, eu vou pedir perdão. Ele virá, ouviste?

MORDOMO: *(Irritado.)* Ele morreu, madame! MORREU! A sua espera é um sem fim! Não dá mais para aceitar isso! Desculpe-me... mas... *(Alcança o prato empoeirado, atirando-o pela janela.)*

TEREZA: Não! Não toques nele, desgraçado!

MORDOMO: *(Gritando, tocando o sino da mesa.)* Maria! Já podes trazer o jantar!

TEREZA: *(Absorta...)* Jantar?! O Sr. Basílio chegou?

*(Tereza sai da mesa, dirigindo-se à porta de entrada à espera do marido Basílio. Crescem, aos poucos, as badaladas do sino de mesa. Escurece de vez.)*

Fim

## *Meu homem-pássaro*

Personagens:

Homem-pássaro: 30 anos, magro, alto, braços longos e atléticos.

Tatiana: 35 anos, magra, morena, cabelos negros e fartos.

Tati: 13 anos, magra, branca e cabelos lisos; filha de Tatiana.

*Casa de Tatiana numa praia isolada de um vilarejo situado na ilha de São Miguel. As águas são mansas e com muitas marolas. Há rochedos por toda parte, adentrando o mar. Albatrozes-gigantes pousam nesses rochedos. Tatiana corre à praia, esconde-se, espreitando-os de perto. O Homem-pássaro é um deles, mas destoando-se dos demais. É maior, as penas mais brancas e reluzentes, e com um porte diferenciado. O Homem-pássaro afasta-se da algazarra dos albatrozes, pousando em uma pedra quase plana e próxima do lugar onde se escondera Tatiana. Aos poucos, ele retira as penas, transformando-se num belo homem. Ao aproximar o pôr do sol, deita-se e adormece. Tatiana apaixona-se, vendo nele o amor desejado. Ela furta-lhe as penas, retornando ao esconderijo. Ao acordar, o homem-pássaro se desespera. Sem as penas, não pode mais ser o albatroz imponente e voar. E percebendo a presença da Tatiana, implora que lhe devolva as penas. Ela segue o seu caminho de volta a sua casa. É seguida pelo Homem-pássaro.*

### **Cena 1**

HOMEM-PÁSSARO: Por que faz isso? Olha, eu não posso ser um albatroz sem as minhas penas. Sem elas, não posso voar.

*(Tatiana apressa os passos, seguida pelo Homem-pássaro.)*

HOMEM-PÁSSARO: Os albatrozes já vão longe... e eu ainda aqui. O que quer fazer comigo? Sou um pássaro, não um homem. Não um homem como os daqui.

*(Tatiana para, vira-se para ele, acariciando-o nas faces. Ela aspira o odor de sua pele, apertando-a suavemente. Vira-se, novamente, seguindo o seu caminho de volta para a casa.)*

HOMEM-PÁSSARO: Não entendo o porquê de você fazer isso. Mas não desistirei de minhas penas. Elas precisam de água, não podem ficar longe do mar.

## **Cena 2**

*Aproximam-se da casa. Há pouca luz. Tatiana faz menção para que ele entre. Na sala iluminada por um lampião, Tati dorme no sofá. Tatiana aponta uma das três cadeiras de palha, convidando-o para sentar. Há uma mesa rústica, uma moringa de barro, um fogão a lenha e um baú de ferro com ferrolhos e cadeados. Tatiana abre o baú, retirando os apetrechos que lá estavam. Com delicadeza, coloca as penas, regando-as com a água da moringa. O Homem-pássaro a observa. Tatiana beija-lhe a testa, levando-o para o quarto.*

## **Cena 3**

*Um pequeno recinto com uma cama de casal e um camiseiro.*

TATIANA: Amo você. Sei que amo. É o homem que espero e desejo. Por isso, me apoderei de suas penas. Você é diferente... não é como os outros albatrozes. Fique pertinho de mim, não vou lhe fazer mal. *(Deitam-se lado a lado.)*

HOMEM-PÁSSARO: Você quer que eu fique aqui? *(Silêncio curto.)* – Eu não sou um homem, sou um pássaro diferente, grande por demais assim... *(Ele abre os braços.)* Mas preciso do ar... necessito voar, seguir os meus instintos... o vento...

TATIANA: *(Intransigente...)* Olha, vou abrir a janela para a brisa entrar. Assim, você poderá senti-la. Você vai ver... aos poucos, você se acostuma. As chaves do baú ficarão sempre presas a mim, mas prometo que todos os dias molharei as penas com água do mar, uma a uma.

HOMEM-PÁSSARO: *(Levantando-se para sentir a brisa do mar.)* Não adianta mais falar. Você é maluca, não é assim que vocês dizem? Maluca!? Eu nunca deitei com uma mulher da terra, nunca imaginei isso ... e quero... não quero fazer isso... *(Inspira a brisa, intensamente, retornando para a cama.)*

TATIANA: *(Com voz tenra, mas decidida.)* Não diga mais nada... deite e dorme. Eu abraço você, você me abraça... juntinhos assim... pronto.

HOMEM-PÁSSARO: *(Adormecendo...)* É tudo tão diferente, seu cheiro... eu gosto... mulher da terra... mas eu preciso do céu... do meu céu sem fim.... *(Tatiana beija-lhe nos lábios, os dois adormecem.)*

#### Cena 4

*Dois anos passam. O Homem-pássaro continua na casa convivendo com Tatiana e Tati. E retornando do banho no mar, encontra Tati estudando na sala.*

TATI: Você não é meu pai! Ouviu? E nunca vai ser!

HOMEM-PÁSSARO: Eu não quero ser seu pai. Mas posso ajudar você. Eu não sei ler, mas sei pintar o mar, o céu.... até o vento eu sei desenhar.

TATI: Não quero... você cheira diferente... você só toma banho no mar... é maluco, igualzinho a minha mãe! Sai daqui.

HOMEM-PÁSSARO: Se eu pudesse, estaria lá no horizonte, longe daqui... mas sua mãe não larga as chaves... se eu tivesse pelo menos o que fazer aqui... se você fosse minha amiga, eu poderia ao menos ser mais feliz... eu não quero ser seu pai...

TATI: Só não fique perto, está bem? O seu odor me sufoca.

HOMEM-PÁSSARO: Por que não diz isso a sua mãe?

TATI: *(Tapando o nariz.)* Porque ela ama você.

HOMEM-PÁSSARO: Do meu jeito, a amo também.

TATI: *(Irritada...)* – Não diga isso... idiota. *(Silêncio curto.)* Olha, eu vou ajudar você.

HOMEM-PÁSSARO: *(Incrédulo, com ar de felicidade.) – Vai me ajudar!?* *(Inspirando a brisa que sopra do mar, intensamente.) – Obrigado, viu? Mas como vai me ajudar? Não quer mesmo que eu desenhe o vento?*

TATI: Não!

### Cena 5

*Tatiana retorna para casa com uma bolsa de compras na mão. Deposita-a sobre a mesa, beijando o marido na testa. Beija a filha. E começa a preparar o jantar. Tati retorna à tarefa da escola. O Homem-pássaro vai para fora da casa, olha para o céu, abre os braços e inspira. Tatiana termina de preparar o jantar e, junto com Tati, põe a mesa, chamando o marido para entrar.*

TATIANA: Preparei sardinhas para você, meu amor. Não é assim que você gosta?

*O Homem-pássaro sorri para ela e come. A luz do ambiente torna-se esmaecida e todos se recolhem. Tati entra no quarto com a mãe, mostra-lhe a tarefa realizada. Tatiana deita e adormece. Tati furta-lhe as chaves, sem que ela perceba, após algumas tentativas. Sonolenta, Tatiana chama o marido para deitar com ela. Os dois abraçam-se. Tatiana cheira a pele do marido, sofregamente, como de costume, e dorme. Tati coloca as chaves sobre a mesa da sala e sai.*

### Cena 6

*O Homem-pássaro sai da cama com cuidado, dirigindo-se à sala. Pega as chaves e abre o baú, retirando as penas: veste-as, cheirando-as, transformando-se em um pássaro albatroz-gigante. Abre os braços, lentamente, fechando-os. Retorna para o quarto, beija a mulher com delicadeza, falando-lhe ao ouvido. Tatiana murmura com prazer e dorme.*

HOMEM-PÁSSARO: Perdão, meu amor, minha terra. Eu sonho com o vento, o mar, o horizonte... é o meu mundo... mas amo você... minha terrinha... para sempre.... *(Sai, vai*



*para fora da casa, abre as asas e voa.)*

TATI: Já vai tarde! Pobre pássaro... ele está livre agora.

TATIANA: *(Sonolenta, remexendo-se na cama, cheirando o travesseiro do marido.)* Meu amor, não demore. Vem para a cama, vem... e feche a janela... estou com frio. *(Vira-se para o lado vazio do marido e adormece, novamente.)*

Fim

## *Primeiro Amor*

Personagens:

Samuel: 35 anos, solteiro.

Ruth: 25 anos, prostituta.

*Uma praça pública abandonada, revelando um ambiente desolador. No centro, um banco, circundado por um amontoado de lixo. Na lateral, um poste enferrujado com luz fosca. Ruth entra pelo lado direito, sentando-se no banco. Em seguida, entra Samuel pelo lado esquerdo, carregando uma mala. Após notar a presença de Ruth, coloca a mala no chão, posicionando-a entre o poste e o banco.*

RUTH: Você não quer sentar?

SAMUEL: Acabei de chegar. *(Espremendo-se no casaco surrado.)* Está frio aqui.

RUTH: Por que não senta? *(Pausa curta.)* Posso aquecer você, se desejar.

SAMUEL: Como assim? Não conheço você.

RUTH: Você tem razão, é a primeira vez que venho aqui. E achei que não encontraria ninguém. *(Olhando para o lixo amontoado.)* Este lixo é malcheiroso... um lugar abandonado, não?

SAMUEL: Eu vim algumas vezes, quando meu pai ainda era vivo. *(Sentando...)* Gosto daqui, do odor do ar, me acalma, sabe? Mas depois que ele morreu, nunca mais. Não tinha como sair do meu quarto.

RUTH: Por quê? Ah, já sei! Adoeceu...

SAMUEL: Não, não é isso. As minhas irmãs queriam me tomar o quarto.

RUTH: Nossa! É muito estranha essa história. *(Olha para ele, tentando acariciá-lo, mas é repelida por Samuel.)* Pobrezinho, sofreu bastante, imagino. Coloca a sua cabeça no meu colo e deixa a sua mala no cantinho. Eu tomo conta. Você precisa descansar.

SAMUEL: Estou excitado, você não vê? *(Esconde com as mãos a excitação.)* Não quero, não conheço você. Por que está aqui? Aposto que sei...

RUTH: Sabe?! (*Rindo...*) Não precisa apostar. Eu falo... sou prostituta. E hoje, eu também estou triste. Precisava achar um lugar para ficar sozinha. Por isso vim para cá, para este lugar fedido. Foi uma surpresa encontrar você aqui. Posso perguntar?

(*Samuel, em silêncio, levanta-se do banco, dirigindo-se ao poste de luz para urinar.*)

RUTH: Então, posso perguntar?

SAMUEL: (*Vai em direção à mala, deitando-a no chão para apoiar a cabeça.*) Pergunta, mas não sei se vou responder. Você não vai embora?

RUTH: Não vou não. Não posso. Estou triste, não trabalho hoje não. (*Pausa curta.*) O amor está tão distante de mim... mas... por que traz essa mala?

SAMUEL: Você não entende, é burrinha também. Não moro mais no meu quarto. Fui expulso de lá. Não tenho mais onde ficar. (*Hesitando...*) - Não..., tenho sim, esta praça é minha. Nunca vem ninguém aqui.

RUTH: Como assim? Eu estou aqui. Achei também que não encontraria ninguém. (*Rindo...*) No início não gostei de ver um homem nesta praça, mas você é diferente... vestido assim... carregando uma mala... esquisito, não sei explicar, mas me simpatizei à primeira vista.

SAMUEL: (*Excitando-se, novamente.*) Você me deixa assim, sabe? Mas não me deito com prostituta.

RUTH: Não precisa. Aqui, eu não sou. Mas posso fazer um carinho até você dormir. Você está exausto. Se desejar, posso cantar para você.

(*Samuel retorna ao banco, apoiando a cabeça no colo de Ruth, que o acaricia. Mostra-se excitado, mas é ignorado por Ruth que canta uma canção de ninar em bocca chiusa.*)

SAMUEL: Seu colo é doce, suave... tem um cheiro bom. (*Pausa longa.*) Eu não devia sair do quarto, mas estava apertado e fui ao banheiro. (*Pausa curta.*) Quando retornei, aquela mala estava no corredor, prontinha para o meu exílio. No chão, estavam as roupas que uso agora.

RUTH: Pobrezinho. (*Notando a excitação.*) Olha, eu não ligo que fique assim. Estou acostumada... e você é diferente. Nunca estive com uma mulher, não é?

SAMUEL: Sim, nunca. Só saía do quarto quando queria estar aqui. *(Inalando o cheiro fedido da praça.)* Eu gosto do odor daqui, me excita. E o seu cheiro bom misturado a esse odor azedo me faz tremer de prazer. Por que sinto isso? Eu não sei... *(Bocejando...)* não sei dizer...

RUTH: Não precisa falar mais nada. Me diga seu nome...

SAMUEL: *(Quase dormindo.)* - Sa...muel.... tome conta de minha mala, está bem?

*(Samuel adormece, enquanto Ruth cantarola a mesma canção de ninar.)*

RUTH: Tomo sim meu anjinho. Meu primeiro amor. A...mor...

*(Ruth aproxima-se de Samuel, falando-lhe baixinho.)*

RUTH: Meu nome? Você nem perguntou... sou Ruth. *(Ela olha para ele, com ternura.)* O ar não é mais o mesmo, viu? O aroma mudou.... eu sinto... é bom... é maravilhoso.

*(Ruth aproxima a sua cabeça do peito de Samuel, adormecendo.)*

Fim

Submetido em: 18 jan. 2022

Aprovado em: 19 mar. 2022